

Aline Oliveira
Jornalista e professora universitária

“Considerava a Vanessa como uma irmã”

Olá, meu nome é Aline Oliveira, sou jornalista e professora universitária, com 26 anos de experiência em comunicação. Eu e Vanessa éramos amigas há 15 anos e sempre compartilhávamos informações sobre nossa vida pessoal e trabalho.

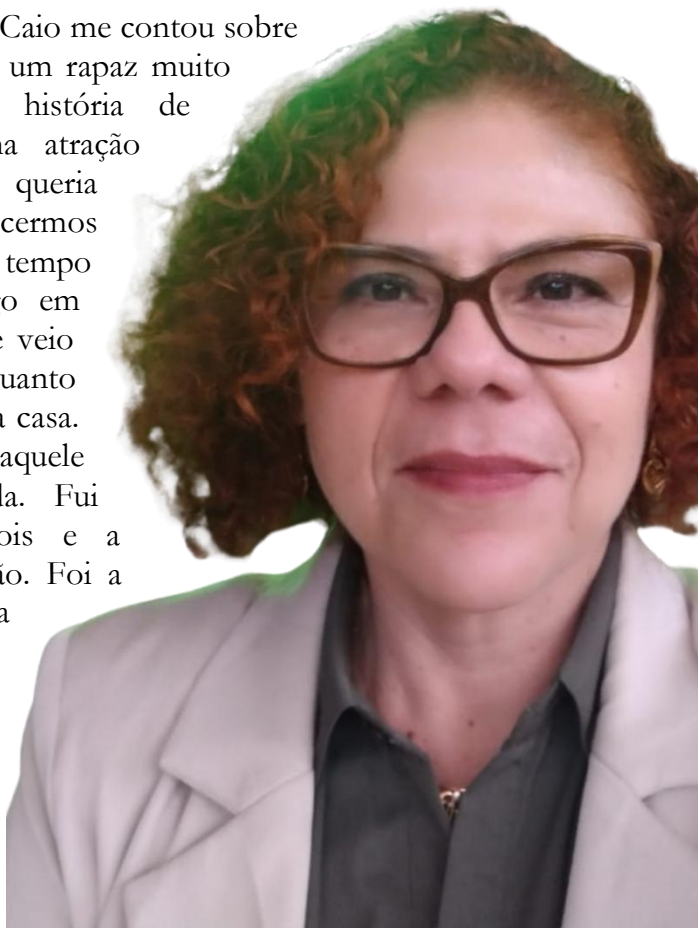
Quando ela conheceu o Caio me contou sobre o encontro e disse que ele era um rapaz muito bacana, tinha uma bonita história de superação e que houve uma atração mútua imediata. Ela disse que queria marcar um almoço para conhecermos ele e isso aconteceu pouco tempo depois, na casa de um amigo em comum. Quando chegaram ele veio direto me cumprimentar, enquanto ela foi ao encontro do dono da casa. Senti uma energia negativa naquele instante e fiquei incomodada. Fui embora algumas horas depois e a Vanessa me levou até o portão. Foi a última vez que vi minha amiga e irmã viva.

Pelo que pude perceber nesse único encontro, ele tinha uma “persona” muito simpática, educada e sabia como agradar a “plateia”. Percebi que nossas conversas diárias ficaram mais espaçadas

e quando disse que iria visita-la, me deu uma desculpa que não lembro qual foi. Por isso, posso afirmar que enquanto nós trocamos mensagens, ela parecia contente com o relacionamento. Contudo, após as festas de final de ano, praticamente não falou comigo e eu estava agitada porque tinha recebido uma proposta de trabalho em outro estado e não me atinei se havia algo errado. O resultado foi que, quatro dias antes do aniversário ela foi assassinada e recebi a informação por uma amiga jornalista.

Pensei que fosse morrer de tanta tristeza, pois considerava a Vanessa como uma irmã. O mais revoltante é testemunhar a morosidade da justiça no julgamento do assassino. Ele acabou com a vida de uma mulher linda, inteligente e cheia de vida. A Vanessa tinha um coração de ouro e ajudava muita gente sem se gabar nas redes sociais. Além deixou uma família despedaçada por tanto sofrimento.

Sobre ela perceber que era vítima de violência doméstica não posso afirmar que sim, pois a mudança em nossas vidas foi muito rápida e eu não queria impor minha presença. Contudo, me disseram que no dia da morte, ela falou que eu estava certa todo o tempo, isso porque eu aconselhei a ir com calma e saber mais sobre os



problemas pessoais que ele relatou. No começo me senti culpada, ainda que indiretamente, pois pensava que se tivesse ido visita-la perceberia algo. Mas, depois compreendi que não foi isso, afinal os abusadores sempre criam uma estratégia para afastar a vítima dos amigos e familiares. Na atualidade, rezo muito pelos pais e irmão dela, para que encontrem consolo e vejam a justiça ser feita. Minha amiga só queria amar e ser amada.

Para as mulheres que estão em relacionamento afetivo e se sentem incomodadas com comportamentos estranhos do parceiro, eu digo: por favor, não “deixa pra lá”, procure informações com especialistas (médicos e psicólogos), amigos e familiares da pessoa. Não se trata de perguntar, e aí, fulano é boa pessoa? Mas, sim de ser observadora quanto ao relacionamento que tem com a família. Em qualquer incidente que configure agressão, se afaste e procure apoio com a polícia, parentes e amigos.

No dia que participei de um ato do Sindicato dos Jornalistas, na área central de Campo Grande (quatro dias após a morte da Vanessa) pedi para fazer uso da palavra e clamei às jornalistas e mulheres que se protegessem e se cuidassem. Assim que entreguei o microfone e sai pela lateral, duas jornalistas compartilharam suas histórias, contando que conseguiram sair de um relacionamento tóxico em tempo. E na sequência, fiquei sabendo de uma ex-colega de trabalho que estava em cárcere privado e felizmente foi resgatada em tempo.

Cada situação é particular, mas o que precisamos entender é que ciúme e possessividade não significam amor. Essas situações podem demonstrar, de início, que o companheiro apresenta distúrbios psicológicos em relação a namoro ou casamento. Por isso, reafirmo, vamos cuidar uma das outras, pois a Vanessa ajudou muitas mulheres em situação de vulnerabilidade e desejava criar uma associação para acolher essas vítimas. Não quero que minha amiga seja mais uma estatística de feminicídio.